

## OS "SHERMANS" Por Reinaldo V. Theodoro

Entre as armas empregadas durante a Segunda Guerra Mundial, figura com destaque o Tanque Médio M4 americano, popularmente conhecido como "Sherman". O Sherman foi o tanque médio padrão do Exército americano durante toda a guerra e foi fornecido à Grã-Bretanha, URSS, Canadá, China, Polônia e França (até a Alemanha utilizou as unidades capturadas). Foi o tanque mais produzido da história, ultrapassando as 50.000 unidades, e seus números, mais que qualquer outra qualidade intrínseca, tiveram uma influência esmagadora no desenrolar do grande conflito.

A história do Sherman começa em março de 1941. Assim que foi aprovada a produção do M3 como uma medida temporária, decidiu-se iniciar o desenho de seu sucessor. O protótipo, designado T6, foi padronizado M4 em outubro de 1941 e, embora mantivesse muitas características de seu antecessor, destacava-se pelo canhão de 75 mm montado numa torre giratória, coisa que os alemães já tinham há anos, mas os aliados não. O M4 entrou em produção no início de 1942 e no segundo semestre já fazia sua estréia em combate, na África do Norte, nas mãos dos britânicos. Estes, dando continuidade à tradição de dar aos tanques americanos nomes de generais da Guerra Civil (Stuart, Lee, Grant), batizaram o novo tanque de "General Sherman". Daí até o fim da guerra, o Sherman esteve em todos os teatros de operações e, décadas após o fim da guerra, ele ainda podia ser encontrado em atividade em exércitos de todo o mundo.

Mas, apesar disso, o Sherman não era nenhum "Abrams". Embora ele pudesse enfrentar em razoáveis condições o Panzer IVG alemão, isso já não se aplicava com muita justiça aos Panzer IVH e J. Mas ele manifestava toda a sua obsolescência quando comparado a um Panther ou um Tiger. Era mal blindado, seu canhão era inútil contra um Tiger e seu motor a gasolina tinha o mau hábito de incendiar quando atingido, o que o transformava numa pira funerária. Contudo, sua mecânica segura, sua robustez e seus números acabaram se impondo.

Até aí, muito provavelmente, não falei nenhuma novidade. A questão é que o termo genérico "Sherman" esconde uma variedade de modelos que fazem muito plastimodelista bom coçar a cabeça. É disso que vamos falar agora.

O Sherman teve 5 modelos básicos: M4, M4A1, M4A2, M4A3 e M4A4 (para os britânicos, Sherman I, II, III, IV e V, respectivamente). O que defi-

nia os modelos? Simples: o motor. O M4 e o M4A1 eram impulsionados por um motor Continental; o M4A2 tinha um par de motores General Motors a diesel; o M4A3 tinha um motor Ford e o M4A4, um Chrysler. Contudo, seria ótimo se essa fosse a única diferença, pois, mantendo o compartimento do motor fechado, você poderia chamar um M4 de M4A3 ou vice-versa e todo mundo teria que acreditar. Mas, infelizmente, não é bem assim.

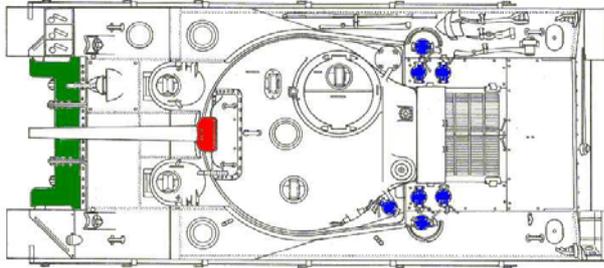
O primeiro modelo a entrar em produção foi o M4A1. Ele é o mais fácil de identificar de todos, pois o seu casco é o único moldado (todos os outros são feitos de placas soldadas), dando-lhe um aspecto arredondado. As primeiras unidades produzidas ainda tinham a suspensão igual à do M3, com as rodas de retorno da lagarta montadas sobre os "bogies". Inicialmente também, a cobertura do diferencial era formada por três peças parafusadas, mais tarde substituídas por uma peça única.



Aqui temos uma vista lateral do M4A1 no 8º Exército britânico em 1942. Note as formas arredondadas do casco e os rolamentos de retorno da lagarta montados sobre os "bogies".

O modelo seguinte foi o M4A2. De frente era praticamente idêntico ao M4, mas diferia consideravelmente dele quando visto pela ré. Para começar, os canos de descarga no M4A2 são parecidos com os de carros comuns, cilíndricos, enquanto no M4 (e no M4A1), parecem torneiras enormes e chatas, acompanhadas de dois filtros de ar parecidos com caixas. Além disso, o M4A2 tem 7 entradas para combustível, quando o M4 tem apenas 5 e dispostas de forma diferente. Finalmente, as portas do compartimento do motor são dotadas de grades (tipo veneziana) para refrigeração do motor, que nem o M4 nem o M4A1 possuem. Como o M4A1, as primeiras unidades

tinham a suspensão com as rodas de retorno da lagarta montadas sobre os "bogies" e a cobertura do diferencial formada por três peças parafusadas.



A ilustração acima é uma vista superior de um M4A2 dos primeiros modelos. O mantelete, com sua pequena proteção (em vermelho), é o velho M34, a cobertura do diferencial (em verde) é do tipo parafusado em três partes e ele tem sete entradas para combustível (em azul).

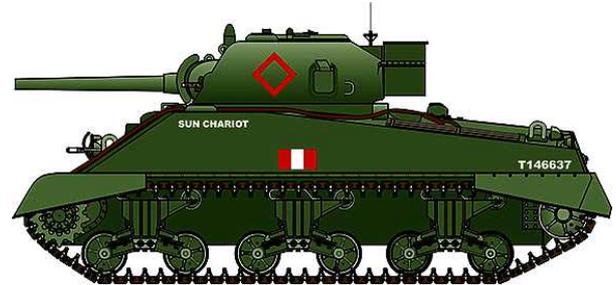
Afinal, chegou o M4 às linhas de produção em julho de 1942. Não há muito a dizer dele depois de tudo que foi dito acima, exceto que também ele teve as primeiras unidades produzidas com a cobertura do diferencial formada por três peças parafusadas.



Esta foto de um M4 israelense em 1952 mostra a cobertura do diferencial em 3 partes e as "saliências" onde ficam postados os tripulantes da frente. Com a placa mais levantada do M4A3, essas "saliências" desaparecem.

Temos agora o M4A4, que era virtualmente idêntico ao M4, exceto que, para abrigar o novo motor Chrysler, o casco teve que ser "esticado" uns 15

cm. O M4A4, ao contrário de todos os outros, não chegou a adotar a cobertura do diferencial de uma só peça, sendo toda a produção dotada da cobertura de três peças.



Exemplar de um M4A4. É bem perceptível o alongamento do casco à ré. O veículo aqui ilustrado foi usado pelo Exército canadense.

O modelo final foi o M4A3. De imediato note-se que o M4A3 sempre foi produzido com a cobertura do diferencial de uma peça só. Uma característica marcante do M4A3, que quase sempre serve para identificá-lo, é que a placa frontal tem uma inclinação menor que nos outros modelos (47° contra 60°). Isso faz com que os postos dos dois tripulantes na frente do tanque não fiquem proeminentes como aconteceu com o M4, M4A2 e o M4A4. Porém, como eu já disse, é quase sempre, pois as últimas unidades produzidas do M4A2 também tinham essa característica e 1.690 dos M4A3 produzidos tinham o casco com placa frontal a 60°.



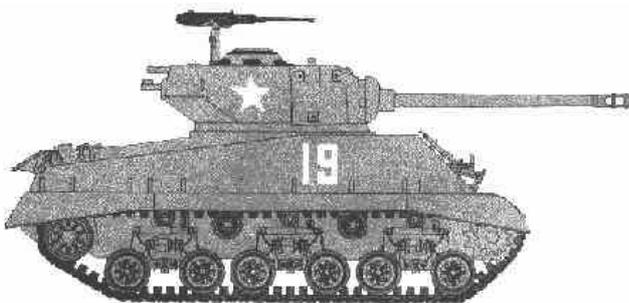
Esta ilustração de um M4A3 é da caixa do kit 1/35 da Tamiya (35122) e mostra a placa mais levantada, fazendo sumir as "saliências". Além disso, mostra também a cobertura do diferencial em uma peça única. O kit, que chegou a ser fabricado no Brasil, vem ainda com opção para a escotilha do comandante, na torre, entre os modelos comum e com visão periférica. Esta torre possui ainda a segunda escotilha, para o municionador.

Preparando-se para a invasão da Normandia, os aliados decidiram produzir um Sherman superblindado, com uma nova torre e blindagens extras, que chegaram a 100 mm. Este era o M4A3E2 "Jumbo", uma versão de apoio de infantaria do M4A3.



A foto acima mostra a característica inconfundível do M4A3E2 "Jumbo": o seu maciço mantelete.

Em fins de 1944, foi adotada uma nova suspensão, chamada HVSS (Horizontal Volute Spring Suspension), que, embora fosse adotado por outros modelos, tornou-se característico do M4A3E8 "Easy Eight", que era dotado de um canhão de 76 mm numa nova torre. Até o advento do "Super Sherman" israelense, este seria o "Sherman" mais potente de toda a série.



Este M4A3E8 "Easy Eight" mostra melhor a placa frontal mais levantada que quase sempre identifica um M4A3, mais a nova suspensão HVSS e o canhão de 76 mm. Esta ilustração foi tirada da folha de instruções do kit M4A3 76(W) HVSS 1/35 da DML (9010).

Para prestar serviços de apoio de fogo, decidiu-se equipar o Sherman com um obuseiro de 105 mm. O resultado foi o Sherman (105), que equipou as companhias de QG dos batalhões de tanques. Apenas o M4 e o M4A3 receberam esse armamento.



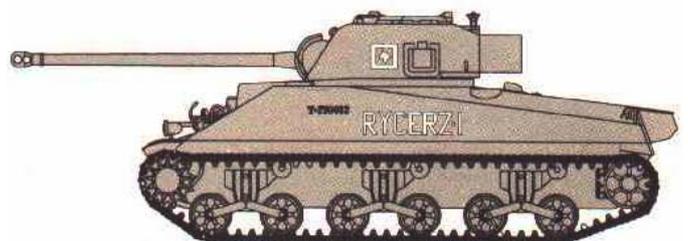
Esta foto mostra um M4A3 (105 mm) em exposição no Museu do Exército Israelense.

Mas não param aí as possibilidades de variação do Sherman. Para acelerar a sua produção, decidiu-se soldar a frente de um M4A1 no chassi do M4, surgindo um híbrido conhecido como "Sherman de Casco Composto".



M4 de "Casco Composto" que esteve em ação no teatro do Pacífico.

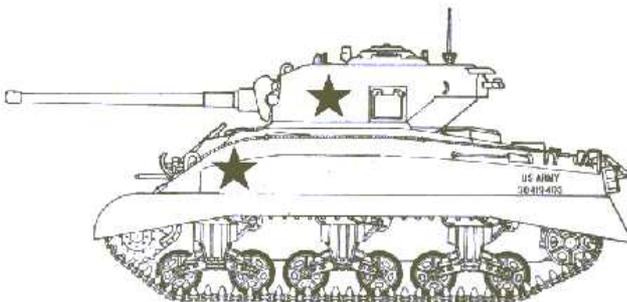
Os britânicos, conscientes de que o canhão de 75 mm do Sherman não era ameaça para os Tigers alemães, decidiram adaptar seu poderoso canhão anti-tanque de 17 libras em sua torre. O resultado foi o Sherman "Firefly". Os tanques equipados com essa arma receberam em sua designação o sufixo "C". Portanto, o M4A4 britânico dotado de canhão de 17 libras era chamado Sherman VC.



Esta é uma ilustração da folha de instruções do kit do Sherman VC Firefly (DML - 6031), um M4A4 equipado com o canhão anti-tanque britânico de 17 libras. Este exemplar foi usado pela 2ª DB polonesa no final da 2ª Guerra Mundial.

A torre do Sherman também evoluiu. As primeiras torres tinham apenas uma escotilha e não possuíam visores para observação ao redor do tanque, contando apenas com um visor. O mantelete original para o canhão de 75 mm, M34, era pequeno e mal protegido. A adoção do mantelete M34A1, externo, que protege toda a frente da torre, é um verdadeiro "divisor de águas" na evolução do Sherman. As mais novas torres passaram a contar com duas escotilhas e a do comandante passou a contar com visores para visão periférica.

O canhão de 75 mm cedo revelou-se ultrapassado para combate de tanques e muita pressão se fez para dotar o Sherman de um canhão melhor. Contudo, não se podia fazer nenhuma revolução nesse campo sem prejudicar a sua produção e o canhão de 76 mm foi o escolhido. Contudo, nem mesmo este podia ser instalado satisfatoriamente na velha torre do Sherman e uma nova teria que ser adotada. Então alguém se lembrou de um protótipo recusado, o T23, que tinha uma torre maior, mas usava o mesmo diâmetro de ligação ao casco do Sherman. Assim, decidiu-se dotar os M4A1, M4A2 e M4A3 em produção com a nova torre com canhão de 76 mm e a idéia era dotar 1/3 das unidades combatentes com os Shermans 76 mm, mas nenhum entrou em serviço antes do desembarque na Normandia. Porém, ironicamente, o novo canhão também tinha seus inconvenientes: embora ele penetrasse cerca de uma polegada de blindagem a mais que o 75 mm, sua granada de alto-explosivo era mais fraca, o espaço ocupado pela munição de 76 mm era maior (o que significava uma redução de cerca de 30% na quantidade de projéteis estocados no interior do tanque), não havia granadas fumígenas de 76 mm e a quantidade de fumaça produzida pelo tiro de 76 mm era muito maior, denunciando a posição do tanque.



Esta ilustração é da folha de instruções do kit 1/35 do M4A1 (76 mm) da Testors-Fujimi (793). Observe a torre completamente diferente, para acomodar o novo canhão de 76 mm.

Os americanos adotaram todas as versões acima descritas (exceto o Firefly). O M4 só apareceu no

teatro do Mediterrâneo em bons números em meados de 1943. O M4A1 estreou em combate na Tunísia, após os desembarques anglo-americanos na África do Norte. O M4A2, ao contrário, não foi muito bem-vindo ao US Army, certamente devido ao seu motor a diesel. Assim sendo, o M4A2 foi liberado para o Lend-Lease, sendo fornecido principalmente à URSS e à Grã-Bretanha. O US Marine Corps também utilizou o M4A2 a partir de 1943, estreando em Tarawa. O M4A4 também não foi muito adotado pelo US Army e acabou sendo o tanque fornecido em maior quantidade aos britânicos. O M4A3, ao contrário, foi o principal modelo adotado pelo exército americano, sendo muito pouco exportado. Também foi a versão escolhida para permanecer em serviço no pós-guerra. Estreou durante a campanha da Normandia e esteve em todas as frentes desde então.

O exército britânico foi o principal usuário do Sherman entre os países aliados. Até o lançamento do Cromwell, os britânicos não tinham nenhum tanque "cruzador" com canhão de 75 mm e o Sherman foi muito bem-vindo às tripulações de tanques do 8º Exército, na África do Norte, que pela primeira vez na guerra podiam enfrentar os tanques do Afrika Korps em condições de igualdade. Estes eram o M4A1 e o M4A2, que formavam 20% da força blindada britânica por ocasião da Batalha de El Alamein (23/10/42). A maioria equipou a 10ª Divisão Blindada, que teve papel fundamental na ruptura final. Durante todo o restante da campanha no Mediterrâneo, os M4A1 e M4A2 foram a base das unidades blindadas britânicas. Já para a campanha do noroeste europeu, os britânicos começaram a receber o M4A4, que equipou inicialmente duas das três divisões blindadas destinadas a esse teatro (11ª e de Guardas). Além disso, o "Firefly" foi distribuído a todas as brigadas blindadas, mesmo as equipadas com Cromwell. O M4A4 também equipou unidades blindadas britânicas na Birmânia.

O revigorado exército francês organizou 3 divisões blindadas seguindo o modelo americano (1ª, 2ª e 5ª), todas equipadas com M4A2 até o fim da guerra. A 2ª (do general Leclerc) desembarcou na Normandia no final de julho de 1944 e abriu caminho à bala até Paris, cabendo-lhe a honra de libertar a cidade-luz. Continuou lutando na porção sul da frente ocidental e terminou a guerra dentro da Alemanha. As outras duas desembarcaram no sul da França em agosto de 1944 e abriram caminho pelo vale do Ródano, Vosges, Strasburgo, Reno e, afinal, Alemanha.

Os poloneses exilados constituíram uma divisão blindada, a 1ª, que lutaria ferozmente a partir da Normandia. Equipada com M4A4, sofreu baixas pesadas no bolsão de Falaise, tentando fechar o

cerco aos alemães. Foi então retirada e reequipada com M4A1(76 mm) e mandada para a Holanda, terminando a guerra com a ocupação de Wilhelmshaven. A 2ª Brigada blindada polonesa, na Itália, estreou em Monte Cassino equipada com M4A2 e atuou nessa frente até o fim da guerra.

Os soviéticos receberam 4.102 M4A2 (2.007 com canhão de 75 mm e 2.095 com canhão de 76 mm) e foram extensivamente empregados nas campanhas do leste europeu em 1944-45.

Finalmente, o 1º Grupo de Tanques Provisório chinês lutou na Birmânia em 1945 equipada com M4A4.

No pós-guerra, o novo Estado de Israel viria a criar a última e mais potente versão do Sherman, o M50 “Super Sherman”.



Super Sherman em exposição no Museu do Exército Israelense.

O Exército israelense recebeu 100 M4A1 em 1956, fornecidos pela França. Durante os anos 60, com a constante hostilidade dos países vizinhos e a ameaça de tanques soviéticos mais poderosos, os israelenses decidiram repotencializar o velho Sherman. Ele recebeu um canhão de 105 mm, um novo motor Cummins a diesel e sofreu modificações na suspensão e nas lagartas. Mais tarde, surgiu o M51, o “Is Sherman”. Ambos foram usados durante a Guerra de Seis Dias (1967) e do Yom Kippur (1973), engajando com sucesso os T-55 e T-62 egípcios e sírios.